

Via Litterae

Revista de Linguística e Teoria Literária • ISSN 2176-6800

Construção do imaginário de Rondônia em “De ouro e de Amazônia”

Constructing the imaginary of Rondônia in “De Ouro e de Amazônia”

*Neila da Silva de Souza **, *Andréia Mendonça dos Santos Lima ***

**Universidade Federal de Rondônia (UNIR), ** Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO)*

Resumo: Este artigo apresenta o romance “De ouro e de Amazônia”, de Oswaldo França Júnior, visando mostrar a representação do garimpo em Rondônia na década de 80. Escrito em 1989, o romance tem como fio condutor o protagonista Adailton que deixa sua terra natal em busca de riqueza fácil e rápida. O garimpo pode ser aqui representado, comparando os empecilhos vivenciados por Adailton e sua sobrevivência com os vários brasileiros que saíram e saem de seus estados em busca de fortuna ligeira, e por melhores condições de vida enfrentam os perigos das matas, escavações profundas dos rios, a distância da família e nem sempre conseguem alcançar seus objetivos. Notaremos, com isso, que a narrativa ajuda-nos a formar um imaginário de Rondônia, sua cultura e traços regionais, contribuindo à cultura local, mostrando, assim, como a História e Literatura se correspondem e se renovam no tempo e no espaço.

Palavras-chave: Literatura e História. Garimpo. Rondônia.

Abstract: This paper presents the novel "De Ouro e de Amazônia", by Oswaldo França Júnior, in order to show the representation of mining in Rondônia in the 80s. Written in 1989, the novel has as its main protagonist Adailton who leaves his homeland in search of quick and easy wealth. Gold mining can be represented here by comparing the setbacks experienced by Adailton and his survival with several Brazilians who had left, and leave their states in search of quick wealth, and better living conditions. So, they face the dangers of the forests, the rivers deep excavations, distance from family, and cannot always achieve their objectives. We note, therefore, that the narrative helps us form an imaginary of Rondônia, its culture and its regional characteristics, contributing to the local culture, showing, on this way, how the History and the Literature correspond each other and how they are renewed in time and space.

Keywords: Literature and History. Gold mining. Rondônia.

Introdução

O desejo de mergulhar e de compreender as relações do homem com o mundo não surgem apenas com os dados históricos de que temos conhecimento, aparecem também na criação artística. Muitas vezes, consegue-se chegar mais perto dessa possibilidade através da força da linguagem literária. E assim podemos observar a diluição no entrecruzamento da história e ficção. Ler Oswaldo França Júnior remete-nos a isso; o autor alcança a realidade do ser humano com sutilezas e matizes do comportamento do indivíduo na sociedade com muitas histórias que perpassam temas sociais da periferia, das grandes cidades, dos problemas domésticos, entre outros. Tudo, sem o melodrama do dia a dia, com histórias sobrepostas que constituem cenas como mosaicos. A movimentação das personagens reporta a cenários e a imaginários que, socialmente construídos, marcam uma multiplicidade de trajetórias de alguns estereótipos das obras do autor.

Nesse sentido, Oswaldo França Júnior volta-se para as representações da condição humana, apontando como a constituição do sujeito é abalada pela estrutura social. O espaço não é mais um elemento que propicia harmonia e univocidade, passa a ser fragmentado, apresenta-se em descontinuidade, constituído de conflitos sociais causados pelo contato dos personagens com uma constante transitoriedade espacial. O espaço social representado no romance indicará características culturais, políticas e até morais da sociedade da época aurífera.

É sob essa perspectiva de mobilidade espacial que o romance “De ouro e de Amazônia” compõe-se. O protagonista Adailton, devido a sua condição financeira, precisa trabalhar para ajudar a família, e isso o obriga a deslocar-se da casa paterna por vários locais; de Minas Gerais a Rondônia, espaços em que se desenvolvem os pontos cruciais do seu drama. Sempre com a esperança de melhorar de vida, vende picolés, é engraxate, trabalha como lavador de carros, na adolescência chega a ir parar na FEBEM, ingressa na carreira militar, abre uma academia de capoeira, estuda mecânica, porém nenhum de seus feitos trouxe-lhe um retorno econômico desejado. Diante do impasse, sai à procura de riqueza; o espaço muda em um ritmo acelerado, mostrando que a busca por riqueza o leva a transitar entre espaços distintos: o espaço urbano e o espaço da selva amazônica. Cada movimento que faz ou por onde passa, a cidade vira um lugar de angústia, ansiedade e cenários que permitem conflitos de identidade porque onde o protagonista pisa é escorregadio, às vezes tropeça e precisa levantar, erguer-se e recomeçar.

A partir desses conceitos, observaremos, neste artigo que, longe de casa, o imigrante transforma a sua identidade, uma vez que atravessa vários territórios numa espécie de aceleração do tempo e transforma-se em outro indivíduo; a personalidade, o

caráter, os gestos não são mais os mesmos após a travessia.

1 Relações entre o discurso literário e o discurso histórico

Oswaldo França Júnior soube representar o cotidiano do garimpo aurífero através dos deslocamentos da personagem Adailton, no romance “De ouro e de Amazônia”; encontramos esses fatos históricos representados pelo protagonista que retira ouro do rio Madeira-Mamoré como mergulhador e pelo sistema de dragas. Nesse sentido, apresenta-se uma perspectiva histórica evidente, pois o romance oferece de modo crítico o tipo de espaço no garimpo. Os recortes efetuados pelo narrador são significativos, uma vez que os movimentos ou ambientes descritos tornam-se verossímeis e conduzem o leitor à percepções em que podemos construir a imaginação de alguns ambientes de Porto Velho, da representação da falta de lei no local, da imensidão da floresta Amazônica, do rio, de como eram os postos de vacinação, dos pontos de comercialização da troca de ouro por dinheiro e por drogas na fronteira Rondônia e Bolívia, da prostituição, da maneira de resistir a doenças, da convivência com desconhecidos e da luta pela sobrevivência nesse espaço.

Como mencionado, após várias tentativas fracassadas de empregos em Minas Gerais, o protagonista deixa a cidade natal em busca de aventuras e de uma fortuna rápida e fácil nos garimpos de Rondônia. Seu principal objetivo é preocupar-se com o seu destino, e diante da sociedade é alguém ambicioso. Empolgado com a ideia, Adailton resolve informar-se sobre os procedimentos para ser garimpeiro:

- Quer dizer que está querendo experimentar os garimpos da Amazônia?
- Estou com vontade [...] Alencar falou que trabalhou bastante tempo por lá.
- É, eu andei por alguns lugares. Andei pelo Madeira-Mamoré, pelo Tapajós, o Purus [...]
- Alencar falou também que você conseguiu encontrar ouro.
- Todo mundo que vai ali encontra. Nos rios, nos barrancos, todo lugar tem ouro. (FRANÇA JÚNIOR, 1989, p. 122).

O amigo de Adailton explica-lhe que dentre as pessoas que foram para o Norte

muitas conseguiram dinheiro, enquanto outras desistiram, ou morreram de malária, outras foram assassinadas, ou não souberam administrar o dinheiro. A ilusão pelo ouro torna-se tão forte que Adailton mesmo lembrando-se dos perigos e das dificuldades para se conseguir o ouro, “não sentia medo. Pelo contrário sentia-se atraído por aquela região... onde podia estar a solução para seus problemas” (FRANÇA JÚNIOR, 1989, p. 131).

Segundo alguns autores (cf. OLIVEIRA, 2009; SANTOS, 2008), o rio Madeira, em suas águas turvas, ainda esconde um mistério: o ouro. Se a corrida foi por muitos anos para Minas Gerais em busca desse minério, nas últimas décadas, voltou-se para a região amazônica; a extração aurífera, no rio Madeira, só se consolidou e atingiu o auge a partir da década de 70. Nesse período, uma grande leva de migrantes de várias regiões do Brasil passou a residir em volta do Madeira. Hoje mais escasso, em Rondônia, esse minério ainda é encontrado tanto nos fundos dos rios como em terra firme. Geralmente, um dos métodos utilizados na garimpagem é o da balsa, em que há um sistema de sucção guiado por um mergulhador.

Nas plataformas, onde ficam as dragas, há uma lança de sucção que revira o fundo do rio e despeja em uma plataforma milhares de litros de água acumulados de cascalho e terra. O material recolhido passa por uma esteira e é peneirado pelos garimpeiros. A lama e a água são retiradas, e a sobra é misturada com mercúrio. Para separar o ouro do mercúrio, os garimpeiros submetem esta liga metálica a altas temperaturas, fazendo com que o mercúrio "derreta" e volte ao seu estado líquido, sobrando o ouro, pronto para ser comercializado. As dragas que ficam estacionadas no rio Madeira chamam-se fofoca e funcionam vinte e quatro horas, os garimpeiros (bem menos que na década de 70-80) trabalham dia e noite, fazendo do garimpo um modo de vida, pois é ali que passarão uma longa estadia. Há outro meio de retirar o ouro: através do mergulho. O garimpeiro leva as lanças de sucção até o fundo do rio com a ajuda de um tubo de respiração ligado a um compressor seguindo as orientações de um segundo garimpeiro que fica na superfície.

Frente a tais percepções, cabe discutir a estreita relação entre a literatura e a história que sempre causou grandes discussões sobre o que é realidade, ou até que ponto determinado evento condiz com a realidade ou não. Sabemos que tanto a história quanto a literatura contam uma narrativa. As duas trazem suas indagações e questionamentos, frutos da inquietação com a realidade social do período vivido ou que retratam uma época dada dentro de certa linha do tempo e espaço.

Para o teórico literário Maurice Lefebvre (1980, p. 12-13), a arte literária possui um movimento contínuo e causa em nós uma fascinação estranha; esta se relaciona com a percepção dos objetos que nos cercam e com a maneira de sentir e imaginar que, por sua vez, vai além de imagens reais. São combinações de imagens que geram o movimento contínuo, em um jogo entre a imagem real e a imagem irreal que se firmam na

complexidade da obra literária. Dessa forma, a literatura possui um duplo movimento: o centrípeto e o centrífugo. Para causar o duplo movimento, há todo um trabalho com a linguagem, dando um novo sentido àquela palavra de aparente simplicidade referencial, ou seja, faz desaparecer o primeiro sentido da linguagem (referencial) e passa a um segundo significado, ao imaginário (poeticidade).

Ainda conforme Lefebvre (1980, p. 174-175), a diegese possui a função de conduzir o leitor ao imaginário daquilo que se tem em mente do comum, ou levar ao significado dos elementos que nos rodeiam. Isso ocorre através da narração que acaba por nos induzir ao simbólico. Então, o imaginário de Rondônia estrutura-se pela presentificação, isto é, quando o discurso cotidiano transporta-se a um segundo nível, ao discurso literário atingindo o discurso da narrativa. A poeticidade possui dessa maneira o poder de fascinar o receptor, delineando a ficção como um mundo semelhante ao nosso, contudo não podemos alcançá-lo, pois possui a estética do irreal. Sabemos, por exemplo, da existência da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, de várias pessoas que migraram para o nosso Estado em busca de ouro, e, no entanto, todas essas informações representam-se ficcionalmente no romance. O discurso verbal conduz-nos à história de um espaço de presentificação. Essa presentificação seria a construção do imaginário da floresta, dos rios, das comunidades, dos trabalhadores, de alguns fatos históricos, num mundo semelhante ao nosso, mas que não podemos alcançar referencialmente, sendo apenas um suposto mundo real. Portanto, alguns fatos cotidianos, na maioria das vezes, contribuem para imprimir a verossimilhança.

Para Sandra Pesavento (2000), há sempre a presença de um narrador que organiza os acontecimentos e apresenta as personagens, dessa maneira, a ficção dá o efeito de real, permitindo o leitor a imaginar “como teria sido” aquilo que se narra: o esforço da imaginação criadora para recriar uma ambiência, dotá-la de uma coerência e produzir significados está tanto na parte da produção, do historiador ou romancista quanto do leitor. Segundo a autora, “se o texto histórico busca produzir uma versão do passado convincente e próxima o mais possível do acontecimento, o texto literário não deixa de levar em conta essa aproximação” (PESAVENTO, 2000, p. 34).

Na visão de Antonio Candido (2008), as dimensões sociais presentes em determinada obra não bastam para definir o caráter sociológico, precisa haver um sentido social simbólico. Como exemplo dessa visão, o crítico menciona “Senhora” de José de Alencar. A compra de um marido leva-nos a refletir sobre o desmascaramento de costumes vigentes da época. Ao fazer isso, o romancista desnuda as raízes da relação construindo uma análise socialmente radical. O romance possui referências “a lugares, modas, usos; manifestações de atitudes de grupo ou de classe; expressão de um conceito de vida entre burguês e patriarcal” (CANDIDO, 2008, p. 15). Conforme o crítico, apenas comentar sobre o aspecto essencial de compra e venda no romance não se chega a uma análise profunda, é preciso observar as cenas, os diálogos do enredo entre outros elementos do discurso. Dessa

maneira, o externo importa não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um papel na constituição da estrutura, tornando-se interno. Então, em “Senhora”, há mais que uma representação e desmascaramento dos costumes sociais da época; ao averiguar os fatos (matéria) chega-se a composição do todo e das partes, ou seja, quando se analisa o elemento social, analisa-se a própria construção artística e revela fatos históricos da época de maneira verossímil, não sendo possível, portanto, separar a realidade da ficção (CANDIDO, 2008, p. 16-17).

Ligia Chiappini (1999, p. 87) também comenta que na literatura o que interessa é o valor estético, mas não nega o valor da historiografia: “valor é também sentido e o sentido na obra literária, como na língua é feito de relação de um elemento com outros elementos de um todo”. A ficção proporciona uma ilusão referencial de presença, permitindo ao leitor imaginar ou construir o passado e também representá-lo. O imaginário seria um sistema de representações sobre o mundo, que se coloca no lugar da realidade, sem com ela se confundir, mas tendo nela o seu referente.

Sandra Pesavento (1995, p. 116) afirma que as representações do mundo social não se medem por critérios de veracidade ou autenticidade, e sim, pela capacidade de mobilização que proporcionam ou pela credibilidade que oferecem: “formular uma identidade nacional, corresponde a práticas que envolvem relações de poder e que objetivam construir mecanismos de coesão social, ou seja, construção social imaginária”. Para a autora,

a categoria de representação tornou-se central para as análises da nova história cultural, que busca resgatar o modo como, através do tempo, em momentos e lugares diferentes, os homens foram capazes de perceber a si próprios e ao mundo, construindo um sistema de ideias e imagens de representação coletiva e se atribuindo uma identidade. (PESAVENTO, 1995, p. 116).

A relação entre história e literatura e a relação da representação das identidades urbanas no Brasil permitem a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade; a representação do indivíduo na sociedade e a postura dele enquanto cidadão seria o fato de uma pessoa reconhecer-se na igualdade. Desse modo, a história e a literatura são maneiras de representar as “inquietações e questões que mobilizam os homens em cada época de sua história, e, nesta medida, possuem um público destinatário e leitor” (PESAVENTO, 2005, p. 81).

Podemos observar a partir dessas visões que a história e a literatura acabam por averiguar os ambientes, os costumes, os traços grupais, os ideais políticos que constituem

uma sociedade. A luta pela sobrevivência no espaço faz o indivíduo perceber que se valoriza a objetividade e a velocidade. O sujeito precisa voltar-se para o instantâneo, com isso, perde a dignidade de ser, e num desalojamento espacial busca a sua identidade e tenta de alguma maneira conquistar algo e, conseqüentemente, preencher o vazio existencial que passa a possuir. A partir disso, verificamos que os caminhos percorridos por Adailton constituem um ponto determinante no desenvolvimento do discurso. Na somatória de buscas incessantes e sem tempo para si, temos uma personagem inquieta e aflita que almeja ter um lugar de *status* na sociedade. Os espaços ligam-se e obtém funções diversificadas à medida que configuram mudanças psicológicas no protagonista, conduzindo-o ao autoconhecimento e a questionar sobre o meio em que vive, levando a personagem a conflitos internos.

2 Transcrição do espaço social em De ouro e de Amazônia: em busca de um destino

A representação do espaço em Rondônia vai além de situar o protagonista, mostramos o desejo de enriquecer e as dificuldades vivenciadas no novo local, que provocam momentos positivos e negativos ao mesmo tempo, envolvendo Adailton numa tensão psicológica. Na citação a seguir, observamos uma região grande, misteriosa e escura aos olhos da personagem. O primeiro encontro gera deslumbramento, seguidos de estranhamentos:

[...] as árvores foram aumentando, fechando sobre a estrada. Havia dezenas de quilômetros onde elas se fechavam dos dois lados escurecendo ainda mais a noite [...] Um túnel deixando em escuridão total tudo além das suas paredes. [...] uma região diferente, forte [...] muitos bichos já apareciam... e ele girava o volante para se desviar e o caminhão dançava de um lado para outro. (FRANÇA JÚNIOR, 1989, p. 135).

Num primeiro momento, um aspecto relevante é o fato de as imagens da floresta e outras passagens constatarem com a primeira parte do eixo narrativo. Adailton “gostava das aulas de geografia e história. Saber coisas de outros lugares, de outras pessoas. Olhar mapas e ler livros. Lia sobre o mar, os rios da Amazônia.” (FRANÇA JÚNIOR, 1989, p. 23-24). Freire (2006, p. 173) define a personagem que percorre por vários lugares como viajante-aventureiro, porque todo “aquele que emigra leva dentro de si os lugares de origem, reúne

experiência” e transmite a um espaço-incógnita”. Adailton leva consigo os seus sonhos, os seus estudos e os seus feitos em Minas Gerais a um novo meio.

Logo, a escolha no discurso em antecipar acontecimentos, por exemplo, o protagonista sempre almejou viajar, dirigir caminhões, sendo esse espírito de aventureiro que permitiu com que seus desejos se concretizassem na fase adulta. A Amazônia faz parte da vida de Adailton desde criança, embora fossem apenas estudos. Podemos verificar como o narrador entrelaça o fio narrativo, classificados como motivos associados composicionais. Dessa forma, as leituras feitas sobre a Amazônia não foram narradas inutilmente, houve uma causa e já fazia parte da história de vida do protagonista (TOMACHEVSKI, 1971, p. 184).

Em um segundo momento, Adailton, cheio de autoconfiança, deduz que tem experiência e força suficientes para mais um desafio em sua vida, mas o desespero chega quando percebe que tudo é diferente de como pensava. Vê-se, então, fraco. Com o contato mais duradouro com a floresta, tem a noção da complexidade e dificuldade da selva em relação à cidade. Encontra um lugar misterioso que lhe causa insegurança, a rotina muda, enfrenta a mata, os rios, o perigo entre os animais, depara-se com a malária. A descrição da floresta constata o indício de que não será nada fácil suportar a distância da família e conhecidos. Isso nos revela que na vida da personagem nada é seguro, surge o medo de não conseguir realizar seu objetivo, porém encontrar-se em Rondônia é o momento de maior esperança.

Os espaços retratados de forma abrangentes ampliam a visão de como eram as fofocas na época do garimpo. Tudo isso sem tirar o caráter estético e a verossimilhança do romance. Por onde a personagem percorre, vai incluindo as cidades à ficção. Vejamos o seguimento:

Depois que o ouro tinha sido apurado com toda a equipe em volta, assistindo, era feita a divisão [...] e todos pegavam suas partes, punham num vidro de maionese, e guardavam nas sacolas. E quando viajavam a Abunã, Porto Velho ou Rio Branco vendiam na Caixa Econômica.

Alguns homens com o tempo iam ficando nervosos [...]

Iam a Abunã, ou Porto Velho, gastavam um bocado de ouro com bebidas e farreando com as mulheres dos cabarés e voltavam menos nervosos. (FRANÇA JÚNIOR, 1989, p. 189).

Temos a noção de como é feita a divisão e aplicação do ouro obtido. Percebemos que o protagonista situa-se nos garimpos, e, portanto, num determinado ponto da sociedade.

O cenário caracteriza-se como espaço social, porque há a representação dos hábitos e dos costumes dos garimpeiros de certos locais de Rondônia como os dados históricos quando se faz menção ao banco da Caixa Econômica, ponto de referência entre os garimpeiros para poderem trocar o ouro por dinheiro e também enviar recursos para suas famílias distantes. Por estarem longe de suas mulheres, também é comum frequentarem casas noturnas, sempre com muita cautela para não haver mortes e brigas entre eles.

Nesse sentido, por ser um espaço desconhecido, Adailton não conhece quais são as regras dos garimpeiros, precisa estar atento ao comportamento das pessoas ao seu redor, mesmo porque todos e tudo são estranhos, não se pode confiar em ninguém: “Muitos demonstravam amizade por Adailton. Amizade de lá, meio superficial, sem falar muito” (Ibidem, 1989, p.190).

No entanto, com o tempo, começa a interagir com os moradores, com os colegas de trabalho, indaga sobre a forma de garimpar, a respeito dos mergulhos no rio Madeira, acerca dos perigos da selva, e, somente aos poucos, supera as dificuldades, aprendendo a mergulhar. Assim, conforme o narrador fornece o cotidiano dos trabalhadores da floresta, o leitor também se familiariza com o local, criando um imaginário da vida dos garimpeiros. No trecho a seguir, há descrições da forma de garimpo, da maneira de vida de pessoas que já habitavam ali:

[...] antes de escurecer, Adailton ia lavar sua roupa... não entrava na água sem roupa... porque o Amazonas disse que o peixe mais perigoso que existia, não era o poraquê, ou a piranha, mas um peixe pequeno, fininho, parecendo um graveto, e que chamavam candiru....

[...]

Longe da choupana, e sem barulho dos motores, sentia-se mais próximo da floresta. Não sentia medo e achava que os perigos não seriam muito grandes...

[...]

Era comum, quando davam um pulo a Abunã ou Porto Velho, comprarem coisas e deixarem no freezer com o nome escrito. E quando pegavam uma cerveja, ofereciam a Adailton. Tomavam juntos conversavam um pouco e depois cada um ia para seu canto ouvir as músicas no rádio... o contato maior era com os companheiros de trabalho... Pitanga e o Jacaré, eram pessoas boas de se relacionar. Pitanga a toda hora se atrapalhava com os motores e ia correndo pedir ajuda ao Adailton. (FRANÇA JÚNIOR, 1989, p. 190-200).

Pela citação, percebemos que é por esse imaginário transmitido ao leitor que a personagem já começa a ter maior segurança em relação ao desconhecido; viaja pelas cidades de Porto Velho, de Vilhena, de Abunã, entre outras: “depois da cidade de Cáceres, subindo em direção a Vilhena, no estado de Rondônia, tiveram que parar... e um pessoal da SUCAM aplicou vacina contra febre amarela em Adailton” (FRANÇA JÚNIOR, 1989, p.137). Esse episódio comprova um traço de representação com a história, muitos dos que viajavam para Rondônia tinham que ser vacinados contra malária pela extinta SUCAM. E, diante de tais construções narrativas, notamos o forte entrelaçamento entre história e Literatura.

Aos poucos, o protagonista adapta-se ao novo espaço, aos colegas de trabalho, ao perigo do rio, acostuma-se com as constantes mudanças das balsas em busca de uma fofoca melhor. O leitor tem a noção de que a vida de garimpeiro é difícil fisicamente. No trecho abaixo, encontramos a personagem cansada que procura repousar. Veja como a mente do protagonista transita entre o real e reflexão interior:

Havia encontrado uma árvore... depois de tomar banho... deitava-se de barriga para cima olhando a floresta e pensando [...] vendo como os raios de sol, infiltrando-se entre as árvores... ouvindo os ruídos da mata... muitos vinham de longe, sem nitidez... naquelas horas sentia-se mais perto da floresta. Daquele mundo mágico que produzia tantos ruídos intraduzíveis. (FRANÇA JÚNIOR, 1989, p. 199-200).

Durante a permanência em Rondônia, Adailton tem poucos momentos de descanso como esses. O espaço físico transcende e permite ao protagonista mergulhar na sua interioridade. A leveza do microespaço trouxe-lhe um bem estar. Nesse instante, a atmosfera tem mais força. A ideia de isolamento sugere tranquilidade e reflexão. Os espaços transitórios como as árvores, o sol, os ruídos que ocupam o sentimento da personagem estabelecem um estado simultâneo de conforto para o protagonista.

Como dito, os momentos de tranquilidade são poucos. Adailton sempre mantém contato com a namorada, o filho, os parentes e os amigos, mas a saudade e a solidão do lugar de origem principiam grandes tristezas. Logo, centra-se no romance o episódio de maior junção do metafísico com o físico. Os espaços interpenetram-se, o espaço físico metaforizado une-se com outros espaços por onde percorre a personagem e que a envolvem em um espaço condensador de espaços. A malária afeta o protagonista, e, em delírios febris, a sua mente acha-se confusa:

[...] não tinha forças para se levantar, e a ideia de se ver deitado num quarto aumentava-lhe o sentimento de solidão [...]

– Estou confuso de tanto mal-estar.

[...] Ficou abraçado na mochila, com os olhos fechados e lutando para não mergulhar na escuridão que havia dentro dele [...] e perdeu a noção das coisas. (FRANÇA JÚNIOR, 1989, p. 246-267).

A forma de o narrador descrever a situação com palavras que sugere algo negativo: solidão/mal-estar/escuridão, transmite aflição à personagem que se sente dominada pelo cenário. Em alucinações, causadas pela febre, Adailton lembra-se de uma pessoa específica: de Gerusa, conseqüentemente, de Minas Gerais, que se torna o seu espaço de conforto. Estar longe de sua namorada o faz lutar para superar as dificuldades para reencontrá-la. O medo de não reencontrar o seu filho e a sua namorada é assustador. Há momentos em que os sentimentos de Adailton confundem-se, tenta lutar contra suas perturbações mentais, mas a sua inquietude estende-se, em um tempo de pesadelo e lembranças que o confundem, e tanto a personagem como leitor participam dessa experiência. O protagonista precisa decidir se volta à vida cotidiana e enfrenta as dificuldades ou se permanece no devaneio. As angústias que dominam a mente de Adailton conduzem-no mais tarde ao relacionamento com outras mulheres, a confundir em continuar ou desistir de tudo, até de Gerusa.

Porém as oscilações emocionais negativas e positivas foram importantes ao protagonista porque permitiram que Adailton superasse os empecilhos e continuasse a alcançar o objetivo inicial. Passado o susto, a personagem volta a trabalhar nos garimpos. Com o tempo, aprende as técnicas de mergulho, mas, de repente, fica preso no fundo do rio Madeira:

[...] a profundidade [...] correnteza [...] a água era turva e apenas se podia perceber a sombra da balsa [...] na escuridão lá do fundo [...] Adailton estava trabalhando no meio daquele emaranhado, sem ver um palmo na frente do nariz quando puxou o ar e ele não veio.

– Puta que pariu, estou numa caverna – falou com ele mesmo.

[...] E ficou lá embaixo esperando e imaginando um meio escapar dali, se o pessoal demorasse a aparecer... e ficou esperando pensando. Lembrando-se do Helinho, da Gerusa, da sua mãe. Lembrando-se de quando sua mãe reclamava, falando que ele era muito apressado com as coisas. Muito insatisfeito.

Ele a imaginava recebendo a notícia de que havia morrido no fundo do rio Madeira... (FRANÇA JÚNIOR, 1989, p. 270-271).

O espaço, cuja circunstância cria um cenário assustador, é o fundo do rio Madeira-Mamoré. Nas fofocas aconteciam diversos acidentes entre os garimpeiros, geralmente morriam-se muitos mergulhadores, pois dependiam de colegas para puxá-los. Uma representação desses momentos de perigo ocorre no romance: Adailton, preso aos equipamentos, sem nenhum colega para ajudá-lo, precisa esperar até que alguém sinta sua falta e vá resgatá-lo. Torna-se um dos momentos de maior perigo na vida da personagem e a prepara a um aprendizado: à sua ascensão econômica. Conforme Adailton mergulha para fundo do rio, as imagens vão transmitindo falta de visão, quanto mais adentra, mais a escuridão prevalece e invade o cenário. Podemos observar como os recortes da narrativa dialogam com características verdadeiras dos garimpeiros de Rondônia e mais uma vez o diálogo entre história e ficção ocorre.

Resta à personagem somente a memória que liga os espaços do passado, aproximando Rondônia e Minas Gerais. Ao recuperar as lembranças da namorada, do filho, e dos conselhos de sua mãe, repensa em suas atitudes: “– Olha aí meu filho, o que você foi arranjar. Está morrendo no fundo desse rio e eu aqui, longe, sem poder fazer nada.” (FRANÇA JÚNIOR, 1989, p. 332).

Durante as lembranças, percebe que arrisca a vida por uma obsessão de riqueza cada vez maior. Nota que a ganância preponderou sobre a necessidade financeira. As descidas de Adailton possuem significado, porque, ao estar preso no fundo do rio, o protagonista reflete em sua inquietação, na sofrida busca aurífera que o deixa obcecado. Ao mesmo tempo, descida pode remeter mais que luta própria de sobrevivência, sugere também aprendizagens e crescimento econômico:

Não se devia perguntar o nome, o que fazia fora do garimpo, se tinha família. Isto não se podia fazer... e as normas ali tinham que ser respeitadas, corriam muitas histórias de roubos, assassinatos e todos andavam armados.

– O ouro vale muito e vira a cabeça das pessoas. (FRANÇA JÚNIOR, 1989, p. 179).

Notam-se muitas limitações ao protagonista, os costumes sociais dos garimpeiros foram impostos a ele. Constata que ali há próprias regras e são necessárias para sobreviver. Com isso, adaptar-se será o meio de garantir sua vida nesse espaço-incógnita. São pessoas

de estados diferentes do Brasil, de personalidades diversas, mas que estão da mesma forma, em busca de fortuna fácil, sugerindo o desejo de não ter um destino insignificante perante a sociedade. Adailton deve ter cautela, desconhece quem é quem na floresta, os garimpeiros podem ser criminosos frios e sem escrúpulos, e o ouro acaba por mexer com as emoções entre os garimpeiros, e fazê-los agirem com frieza e impulso. A diferença entre os perigos da floresta e os da FEBEM está que os garimpeiros estão soltos e a qualquer momento pode haver um assassinato sem punição. Trata-se de um espaço sem lei, violência sem nenhuma medida. Matam para roubar ouro do companheiro, matam por traições conjugais, matam por motivos banais:

...viram que era o Baiano. Estava caído no caminho, ao comprido e sem a cabeça. Foram procurá-la e a encontraram a uns cinco metros na frente. Estava toda suja de sangue, com terras e folhas agarradas no rosto e nos cabelos, e com a boca e os olhos meio abertos. Tinham cortado a cabeça dele com uma foçada.

– Mataram um homem e levaram o ouro. (FRANÇA JÚNIOR, 1989, p. 236).

São cenas assim que Adailton presencia enquanto garimpeiro. O romance mostra que as condições violentas são próprias do sistema social, seja na cidade, seja no garimpo, ou em qualquer outro lugar. A qualquer momento a pulsão violenta fala mais alto, há períodos de solidão, de perigo, de hostilidade e deixam os nervos à flor da pele, como se no garimpo eles voltassem à sociedade primitiva: todos são amigos e inimigos ao mesmo tempo. Nesse sentido, Adailton precisa estar atento ao comportamento das pessoas ao seu redor, mesmo porque todos e tudo são estranhos, não se pode confiar em ninguém. Aos poucos, supera as dificuldades e adquire amizades, mesmo porque precisa juntar-se a um bando de garimpeiros, uma vez que a organização interna dos garimpeiros também forma grupos do mesmo jeito que na casa de detenção, com o objetivo de sobrevivência, mas com outro objetivo imediato: o ouro e não a fuga.

Quando Adailton frequenta Porto Velho, o garimpeiro encontra um cenário inusitado, ficando impressionado com prostitutas ainda crianças:

As mulheres saíam e entravam animadas, muitas ficando na porta, cantando, e Adailton reparava naquelas prostitutas novas, a mais bonitinha parecia uma menina...

– Está com malária? Ela disse, olhando para Adailton.

- Vamos fazer um filhinho?
 - Vou é arranjar uma boneca para você brincar. Quantos anos você tem?
 - Doze.
 - Não é possível. E já entra na vara?
 - Há muito tempo.
 - É um absurdo.
- Olhou as mulheres e escolheu a que achou mais bonita. Tinha dezoito anos. (FRANÇA JÚNIOR, 1989, p. 212).

Como verificamos, por onde Adailton locomove-se, o espaço romanesco ganha significado. É mais que um simples cenário, indica o grupo social em que Adailton está inserido, e representa a maneira dos garimpeiros saírem da rotina e da solidão, e ainda levantar questões de incesto, exploração infantil sem nenhum escrúpulo por parte dos garimpeiros.

Com o tempo, a personagem consegue uma boa quantidade de ouro, passa por grandes dificuldades, sobrevive a três malárias, ao convívio de pessoas desconhecidas, ao perigo dos mergulhos profundos no Madeira-Mamoré e, principalmente, permanece longe de seu filho e de sua namorada. No entanto, a obcecada visão por dinheiro faz com que Adailton permaneça mais tempo no garimpo do que o esperado.

- Minha querida, por favor, não chore... estou fazendo isto por nós dois, será que não compreende?
- Foi para o hotel dividido entre a ideia de voltar para Belo Horizonte, ou ficar ali até o final da temporada. Lembrou-se do tio falando:
- Se já deu para montar o negócio, volte. Não fique abusando da sorte. Não banque o jogador. (FRANÇA JÚNIOR, 1989, p. 313).

Pela citação, percebemos que estamos diante de uma personagem inconformada, alguém que busca algo, e, quando encontra, não a satisfaz: “... há ali uma inquietação, o que o transforma naquele indivíduo problemático, envolvido permanentemente em uma busca idólatra, pois obsessiva...” (LUCKÁS apud FREIRE, 2006, p. 217). Aliás, Freire acrescenta que as buscas não encontradas, às vezes, são necessárias, porque inquietam o leitor. E, através da personagem, tem-se a personificação do interesse da obra: os caminhos

percorridos fazem sentido, pois metaforizados, desvelam ao receptor os conflitos humanos.

A ganância de Adailton permite que chegue ao limite. Pela primeira vez, age conforme o meio em que está inserido. Troca ouro por drogas. Para isso, precisa ir até a Bolívia. Surge então mais um espaço desconhecido em que precisa agir diante de uma situação inesperada: “[...] repetiu para Adailton as condições de troca. /– Seis quilos de coca por dois de ouro” (FRANÇA JÚNIOR, 1989, p. 338). Ao permutar o ouro, fica impedido de atravessar a fronteira. Diante do impasse, desfaz o negócio. Eis a representação de um ponto histórico da sociedade: muitos garimpeiros trocavam ouro por droga na Bolívia. Mais um percurso da personagem para mostrar um acontecimento do momento. Vejamos a atitude do protagonista após desistir da negociação:

– Tenho que fazer alguma coisa – Raciocinou. – Ele vai me queimar, jogar o meu corpo na cachoeira e ficar com o ouro e a cocaína.

[...] Adailton foi erguendo o revólver, e o Gordo estava com o rosto virado... sentiu o cano tocando seu peito e abaixou a cabeça... O revolver pegou na sua boca e Adailton atirou.

– Fiz esta loucura – disse – matei o cara sem ter certeza de que ele ia me queimar.

– Edir falou que era aquilo mesmo que devia ter feito.

– É o erro foi entrar nessa sozinho, sem saber quem eram as pessoas... (FRANÇA JÚNIOR, 1989, p. 350-352).

Após cometer o assassinato, resta, então, ao protagonista retornar para Minas Gerais. De suas viagens, de tudo o que experimentou, ainda fica a sensação de que falta alguma coisa. Ao homem contemporâneo, em sua atenção para com o mundo que o cerca, há incertezas, inquietudes e perigos, e, quando não vem o almejado, restam o “inconformismo e o isolamento, ou pelo menos a frustração por tudo o que poderia ter sido experimentado e não foi, com conseqüente e amarga ameaça de perda”. (FREIRE, 2006, p.215). Logo, a busca por riqueza acaba por possuir sentido social simbólico, pois todos os caminhos o levam a se conhecer, a saber quais são seus limites e os seus medos e as suas fraquezas. Ao chegar a Rondônia, Adailton tem a noção de que a busca por fortuna rápida e fácil não passa de uma ilusão, permanecendo a sua inquietação; descobre que a sua ambição acumulou-se em torno de um vazio existencial, sendo uma metáfora que representa o cotidiano de quem busca um sentido. Os limites e trajetórias propiciaram desafios, e determinaram que, no desfecho, há questões complexas para os seres humanos.

O protagonista classifica-se por ser aquela personagem problemática e inquieta,

destinada a cumprir seu trajeto até o final, mesmo que ao fim ocorra um desenlace nada aprazível de seus feitos, como o fato de cometer um homicídio. Compreendemos que o protagonista não se classifica como um herói que sai em busca de sonhos impossíveis, encontra-se somente uma personagem lutadora, com defeitos e qualidades como qualquer outro ser humano. As suas superações decorrem por mérito de esforço e trabalho. E mesmo diante de várias oportunidades não se entrega ao meio, age e reage, mas no fim Adailton acaba por agir como contraventor. Como diz Candido (1993, p. 37), ninguém é totalmente bom, nem totalmente ruim. Há um cunho especial: “o homem como ele é”, isto é, mistura o cinismo e a bonomia, mostrando ao leitor uma relativa equivalência entre o universo da ordem e da desordem em uma só personagem. Para Candido, as ações de certas personagens em alguns romances podem ser qualificadas como reprováveis, no entanto, muitas vezes, possuem atitudes dignas de louvor, que as compensam, pois todos possuem defeitos, ninguém merece ser censurado. O autor destaca dois polos do caráter do ser humano em meio à sociedade: um hemisfério positivo da ordem, aquele aceito pela sociedade, e um hemisfério negativo da desordem, aquele não aceito pela sociedade.

Visto desse modo, no romance “De ouro e de Amazônia”, Adailton não se classifica como um anti-herói, nem como malandro, mas sim como um contraventor. Essa característica, contudo, é suavizada, porque no meio em que vive possui alguns valores éticos, a personagem vai sozinha em busca de suas conquistas, sai ileso dos perigos da vida de menino de rua, longe do vício das drogas, de roubo, de estupros na FEBEM, a assassinatos na favela, escapa a três malárias na floresta amazônica. O fato de ser qualificado como homem trabalhador, transmite ao leitor que Adailton é apenas alguém empenhado a crescer economicamente, não como um grande herói, feito Ulisses. Por termos um protagonista que alterna entre a ordem estabelecida e entre as condutas transgressivas, na construção do enredo, torna-se peça fundamental para a essência do ser humano, mesmo porque são causas pessoais e não universais. Em seu meio, ele é ético, apesar do meio em que vive. Sua causa é com a sociedade, luta para vencer as adversidades e ter uma posição social. No final, acaba de certo modo premido à circunstância do momento, não completamente aglomerado ao meio. A personagem reconhece um limite entre o estado de degradação e entre seus valores éticos, no final, retorna para o polo positivo da ordem.

Lembremos que o protagonista pode até ser considerado “bom bandido”, e ainda aceitável na sociedade, mas esse tipo ingênuo de percepção da realidade brasileira nos diz que ainda continuamos a burlar a lei e a ordem, equivale negarmos os princípios elementares de justiça, de senso crítico e comprovar a desilusão e descrença do mundo e do ser humano. Para amenizar a situação, ele recorre a certos valores considerados importantes na sociedade de consumo, valores que vão satisfazer as suas necessidades pessoais. Adailton caracteriza-se por ser aquele sujeito que necessita de reconhecimento pessoal. Até

o momento a única coisa que acha que vai lhe trazer felicidade é estabilidade financeira. Como se isso fosse garantir igualdade ou reconhecimento na sociedade, ou até mesmo felicidade. A luta para sobreviver na sociedade de consumo é frustrante e sempre uma incógnita. A necessidade em arrumar emprego é um registro de tempos remotos, mas ultimamente ganha amplitude e profundidade, porque se tornou um drama do homem universal e permanecem as inquietudes do ser humano. Adailton não consegue deixar, ou abandonar alguns valores da modernidade do mundo urbano. No final do romance, mesmo conseguindo o ouro almejado, a incompletude da personagem não termina. Por mais que tente camuflar o passado, está completamente marcada pelas suas vivências. Adailton luta, depois sucumbe, sua integridade é violentada pelo assassinato, são as marcas deixadas pelo contexto. Para Hall (2011, p. 21), “uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida”. O protagonista terá que lutar com a sua interioridade com um eterno sentimento de culpa, e quem foi a procura de riqueza, simbolicamente em busca de uma identidade, acabou se perdendo de tal maneira que o dinheiro deveria dar-lhe liberdade e estabilidade, mas, no fim, abriu-se um leque de ilusões angústias, ausência de valores e vazios existenciais infundáveis.

Conclusão

Oswaldo França Júnior procurou focar o cotidiano do ser humano e não fazer uma história que leve o leitor a ter pena da situação da personagem. Os fatos narrados um após o outro nos chamam a atenção porque se presencia um dinamismo no fluxo narrativo da mesma forma que o do protagonista. Não são histórias cansativas e demoradas. A partir de vários estratos narrativos, o leitor não se perde nas tramas, nem perde ansiedade das aventuras. O distanciamento do narrador, em terceira pessoa, ocorre a ponto de não haver identificação afetiva com aquele universo de inquietude do ser humano. Ao manter esse distanciamento, a exclusão é narrada de forma curta, crua, direta e instantânea, sem que haja drama na narrativa. A personagem não descansa e, quando descansa, sua mente trabalha de alguma forma para superar as dificuldades. Há, então, a valorização do trabalho no romance. Adailton consegue enfrentar os empecilhos da vida e vencê-los pelo seu empenho, e, sobretudo, pelo seu incansável desejo de mudar a sua realidade na sociedade. Então, Adailton classifica-se como o assalariado e o autêntico herói de nossos dias, de grande parte da sociedade, o homem trabalhador, que luta para sobreviver. Por ter esse caráter, o leitor acaba por possuir maior empatia pelo protagonista, uma vez que se tem a visão de que o trabalho acaba por edificar o homem.

O diálogo entre ficção e história demonstrou as construções mentais e simbólicas elaboradas pela literatura sobre as realidades urbanas até a vivência dos garimpeiros em Rondônia. Entendemos porque o romance é uma forma de abordar a história e ainda se aproximar dos caminhos sobre os dramas do cotidiano da existência do ser humano. Sendo assim, associada a seu caráter “imaginativo”, é pertinente considerar a produção literária, como produção humana, ligada a seu contexto histórico-social: o autor é um sujeito histórico, fruto e representante de uma classe, um grupo social, uma ideologia, um modo de ver e pensar o mundo. Nesse contexto histórico, houve um texto ficcional baseado na realidade, como diz Candido, há sempre obra, autor e público envolvidos no sistema literatura e sociedade.

Observamos, por fim, no romance “De ouro e de Amazônia”, um desenho do mapa imaginário de Rondônia, que ocorre através dos deslocamentos do protagonista, em forte fusão entre história e ficção. As concepções de vida de muitos brasileiros estão manifestas na caracterização da personagem central da obra. Muitos brasileiros saíram de seus estados e foram em busca de ouro; expõe, com isso, a realidade da década de 70-80 na Amazônia, atingindo o leitor de forma especial, graças à estrutura estética e histórica do romance. Trata-se, portanto, de uma obra em que se realiza perfeitamente o duplo movimento da representação literária. Um centrípeto, em que consegue apontar a estrutura social sem trair o caráter estético da obra. E, outro, um movimento centrífugo, capaz de transmitir ao leitor, de forma verossímil, as inquietudes do homem contemporâneo. Assim, Oswaldo França Júnior transfigura o cotidiano em arte.

Referências

CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia. In: _____. *Literatura e sociedade*. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2008. p. 13-25.

_____. Dialética da malandragem. In: _____. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993. p. 19-55.

CHIAPPINI, Lígia. Relações entre história e literatura no contexto das humanidades, hoje: Perplexidade. In: NODARI, Eunice et al. (Org.). *Histórias: fronteiras. Anais do XX Simpósio da Associação Nacional de História*. São Paulo: Humanitas, 1999. v. II.

FRANÇA JÚNIOR, Oswaldo. *De ouro e de Amazônia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

FREIRE, José Alonso Torres. *Entre construções e ruínas: uma leitura do espaço amazônico em romances de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum*. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) –

FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LEFEBVE, Maurice-Jean. *Estrutura do discurso da poesia e da narrativa*. Trad. José Carlos Seabra Pereira. Coimbra, Portugal: Almedina, 1980.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1996.

OLIVEIRA, Amélio Ovídio. *História, Desenvolvimento e Colonização do Estado de Rondônia*. 8. ed. Porto Velho: Dinâmica, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. Fronteiras da ficção: diálogos da história com a literatura. *Revista Histórias de Ideias*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, v. 21, p. 33-57, 2000.

_____. Relação entre história e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (séculos XIX e XX). *Revista Anos 90*, v. 3, n. 4, p. 115-127, 1995.

SANTOS, Gilberto Carniatto. *Garimpo de ouro do rio madeira em Rondônia: eu estive lá*. Porto Velho: Senac, 2008.

TOMACHEVSKI, Boris. Temática. In: EIKHENBAUM, Boris et al. *Teoria da Literatura: formalistas russos*. Trad. Ana Mariza Ribeiro et al. Porto Alegre: Globo, 1971.

Recebido em 15 de novembro de 2012.

Aceito em 3 de abril de 2013.

NEILA DA SILVA DE SOUZA

Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR/câmpus Porto Velho). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Poética Brasileira Contemporânea (GEPCEC) e Membro do Mapa Cultural - Grupo de Pesquisa Centro Interdisciplinar de Estudos em Cultura e Arte da Universidade Federal de Rondônia (UNIR/câmpus Vilhena). Bolsista Capes. E-mail: neila.souza@yahoo.com.br.

ANDRÉIA MENDONÇA DOS SANTOS LIMA

Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO/câmpus Ji-Paraná), e aluna do mestrado em Estudos Literários, Universidade Federal de Rondônia (UNIR/câmpus Porto Velho). Membro do Grupo de Pesquisa Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade. E-mail: andreiamendonsa@ifro.edu.br.